



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

O curso de turismo e os resultados do ENADE 2006¹

Mariana Aldrigui²
EACH/USP

Poliana F. Cardozo³
UNICENTRO

Resumo

O ano de 2006 marca a inclusão do curso de Turismo no rol de cursos avaliados no ENADE. A partir do exame, e dos seus resultados pode-se partir do campo especulatório e ingressar nas análises mais concretas e aprofundadas com relação à formação do bacharel em turismo no país. Ainda que se discutam os métodos e formas de se avaliar desempenho, a avaliação é necessária para que se tenham elementos de análise e compreensão. Esta comunicação tem como principal objetivo analisar os resultados do ENADE para o curso de turismo, contextualizada com o momento atual. Para tal utilizou-se de pesquisa documental e bibliográfica. Os resultados obtidos indicam, além da descentralização dos centros formadores, a relação entre o desempenho dos alunos nas provas e os conteúdos desenvolvidos nos cursos a partir das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Educação Superior; Turismo; ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes.

Introdução

O ano de 2006 marcou o ingresso do curso de turismo, em um sistema de avaliação, formal e nacional, para que se possa constatar o desempenho dos acadêmicos. Trata-se do ENADE, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, uma das três avaliações que compõe o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES.

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Bacharel em Turismo e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, doutoranda em Geografia Humana na FFLCH/USP, é professora do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, pesquisadora na área de Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. aldrigui@usp.br

³ Bacharel e mestre em turismo (Unioeste/UCS). Professora assistente para o curso de turismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Paraná), pesquisadora em modalidade continuada da mesma universidade. polianacardozo@yahoo.com.br

Enquanto alguns se preocuparam, especialmente aqueles que realizaram a prova, outros comemoraram, pois pela primeira vez, desde a origem do curso, em 1971, a formação superior em turismo foi avaliada, transformando opiniões e especulações acerca dos cursos em fato comprovado.

O destaque jornalístico dado aos resultados do ENADE 2005 no início do mês de agosto de 2006, repetiu-se em 2007, e dessa vez, entre os cursos comentados, está turismo. Os resultados permitem dois tipos de considerações imediatas – a possibilidade de esta ser a oportunidade para demonstrar o mérito acadêmico e conseqüente competência profissional dos que se dedicam a esta área; e, por outro lado, a consolidação e eventual ampliação de críticas e comentários de demérito sobre o curso e os estudantes.

Segundo Aldrigui (2006), “mesmo que se discutam os métodos e formas de se avaliar desempenho, e que avaliados se sintam muitas vezes alvo de muita pressão, a avaliação é necessária para que se possa ter, minimamente, um elemento de comparação e balizamento”.

A mesma autora comenta que

já há algum tempo se discute a explosão dos cursos de turismo, caracterizada por um crescimento desenfreado do número de cursos. Até 1998, segundo Teixeira (2001), havia 157 cursos, dos quais 119 de Turismo e 38 de Hotelaria. Dados dos Censos da Educação Superior realizados pelo INEP refletem um crescimento de 380% em seis anos. Ou seja, em apenas seis anos, o número de cursos da área de turismo e hotelaria quase quadruplicou no país. Por conseqüência, quadruplicou também o número de alunos. Mas, infelizmente, não é possível dizer que quadruplicou a qualidade. (ALDRIGUI, 2006)

Nestes termos, a reflexão aqui proposta versa sobre a avaliação do ENADE para o curso de turismo, onde se deseja analisar os resultados do exame realizado em 2006, a partir de dados disponibilizados pelo INEP. A fim de contextualizar a discussão, faz-se a seguir uma explanação sobre a origem e a concepção dos cursos superiores de turismo no Brasil, apresentando as análises e considerações posteriormente.

O curso superior de turismo no Brasil: o início e as bases

Em sua obra “Discutindo o Ensino Universitário de Turismo”, Barretto, Tamanini e Silva (2004) apontam que a origem dos cursos universitários de turismo no Brasil foi um pouco diferente da origem daqueles na Europa e na América do Norte. Conforme Jafari

(1999, apud Barretto, Tamanini e Silva, 2004) e Rejowski (1996) em outros países tais cursos surgiram como uma extensão de outras carreiras, especialmente as de administração hoteleira ou como disciplinas dentro de cursos pré-existentis, tais como geografia e administração de empresas. Nos Estados Unidos surgiram a partir dos cursos de hotelaria, que, por sua vez, tiveram início na década de 1920 e foram sustentados economicamente pelos próprios empresários hoteleiros, criando uma forte relação de (inter)dependência entre uns e outros. No Canadá, ainda segundo as autoras, na década de 1980 começa a ser percebida a necessidade de capacitar pessoas para trabalhar na área de turismo e, posteriormente, a necessidade de também formar em nível gerencial. Isso quer dizer que os cursos de turismo, nos locais destacados pelas autoras, nascem de uma necessidade mercadológica e sustentam-se na mesma.

Os primeiros cursos de turismo surgem no Brasil no início da década de 1970, nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro; muitos com autonomia própria, por iniciativas isoladas dos seus fundadores. É nesta época em que se dissemina a crença de que o turismo seria uma atividade promissora, exemplificada pelo estabelecimento da Política Nacional de Turismo, em 1966 e a criação da Embratur em 1967, pelo governo federal. (BARRETTO, TAMANINI e SILVA, 2004)

Na conjuntura política, vivia-se a ditadura militar, de modo que cursos que promoviam a reflexão, a crítica e a mudança social eram desestimulados (tais como ciências sociais, história, filosofia e outros cursos da área de humanidades), e professores (alunos, até) perseguidos. Dessa forma, seriam bem vistos aqueles cursos que promoviam o avanço tecnológico, uma visão otimista do momento político, que visava o desenvolvimento tecnocrático, a esperança no sucesso do modelo, e uma visão superficial do funcionamento da sociedade (sobretudo esse último aspecto, procurando inibir movimentos questionadores ao modelo político vigente). (BARRETTO, TAMANINI e SILVA, 2004)

Para as autoras, os cursos de turismo, criando o imaginário das viagens, do *glamour* dos lugares exóticos, do luxo, são mais do que adequados à ditadura, pois mostram aos jovens a imagem de uma realidade perfeita onde as pessoas viajavam e consumiam, um mundo onde não existia pobreza, doenças ou conflitos, no qual o trabalho seria partilhar dessa quantidade de moeda circulante, bastando para isso explorar e demonstrar as belezas do seu país. O turismo, por sua vez, ainda poderia ajudar a mudar a imagem que os exilados estavam deixando no exterior quanto à falta de respeito aos direitos humanos.

No plano global, os cursos de turismo coincidem com o crescimento do setor de serviços e o giro que a economia começa a dar para o setor terciário. A partir de 1976 houve um decréscimo no número de pessoas que procurava o curso. O recesso foi atribuído à crise econômica. Barretto, Tamanini e Silva (2004) ainda questionam se foi realmente esta a razão ou foi o primeiro sintoma de que as coisas não estavam funcionando conforme o esperado. (BARRETTO, TAMANINI e SILVA, 2004)

Cabe mencionar que, ao longo de seu trabalho, as autoras referenciadas tecem uma severa crítica à atual formação superior de turismo no Brasil, enfatizando que a atuação do acadêmico, atrelada aos os modelos curriculares desenvolvidos pelas instituições de ensino superior, certamente levará a uma crise acadêmica e de empregos, estimulando uma séria discussão sobre a validade desta formação.

Há cerca de sete anos, Trigo (2000) apontava para os principais problemas da área, ligados à falta de professores titulados e à falta de uma visão estratégica coerente com o dinamismo e a sofisticação dos setores de viagem e turismo.

Aldrigui (2006) argumenta:

É realmente impossível pensar em aumento da qualidade, a partir da explosão dos cursos, se não houve condições para que egressos dos cursos se titulassem de maneira adequada para atuarem como docentes. O número de professores com título de especialista ou mestre nas áreas específicas do turismo é muito pequeno em relação à quantidade de salas de aula carentes de professores titulados. Automaticamente, muitos alunos têm aulas com professores que, muito provavelmente, não tiveram nenhum contato com o turismo em termos acadêmicos, e não será surpresa o fato de que outros vários sequer sabem das particularidades do turismo, seja na teoria ou na prática.

Sobre relação entre a formação superior em turismo e absorção dos bacharéis pelo mercado, Cardozo (2005) comenta que a qualidade da formação está diretamente relacionada à importância que a IES dá ao curso e aos alunos (professores, laboratórios, livros e equipamentos), o que por si já é discutido desde há muito. Entretanto, a multiplicidade de abordagens e possibilidades de construção de carreira dentro do turismo exige do aluno um posicionamento que deve acontecer já nos primeiros anos do curso. A autora afirma que o curso é feito pelo aluno, “é ele quem deverá buscar estágios, aprofundar leituras, participar de eventos, demonstrando sua opinião, conhecendo o mercado”.

Parece natural concluir que muitos dos cursos atualmente oferecidos têm qualidade questionável, e entregam ao mercado de trabalho profissionais com formação comprometida.

Segundo Trigo (2000, p. 247) “os alunos que se candidatam a esses cursos não sabem que sairão com um diploma legalmente reconhecido, mas desprovido de valor para o mercado, porque seu curso não ofereceu conteúdo que o habilite a trabalhar na área de uma forma eficiente e competente”.

Nesse cenário, haveria motivo de comemoração para a inclusão do turismo no ENADE? Ou seria este o momento de exposição nacional destas fraquezas?

Aldrigui (2006) responde as perguntas dizendo que a comemoração se deve pelo simples fato de que o (previsível) fraco desempenho auxiliará no processo de maturação da educação em turismo, apontando onde estão os cursos que não tem condições de preparar adequadamente o profissional de turismo. Ou seja, acredita-se que a partir da divulgação dos resultados do ENADE, cursos com fraco desempenho tendem a perder espaço, permitindo às instituições que investem no tripé ensino/pesquisa/extensão e que se preocupam com a qualidade de instalações, com a formação de professores e com a composição adequada do currículo, sejam reconhecidas pelo mercado e pelos futuros estudantes da área. Aí sim, o motivo da comemoração – um passo importante em direção à efetiva melhoria do ensino superior em turismo.

Aspectos estruturais da formação em Turismo

Para que uma Instituição de Ensino Superior possa oferecer um curso de Turismo, entre os trâmites burocráticos exigidos pelo MEC – Ministério da Educação, merece destaque a adequação do curso às Diretrizes Curriculares Nacionais, que se constituem em orientações para a elaboração dos currículos, e devem assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes.

No caso do Turismo, tais diretrizes constam do Parecer CES/CNE 0146/2002. Sua elaboração contou com a colaboração de pesquisadores e especialistas em Turismo de todo o Brasil. O documento destaca a questão das habilidades e competências necessárias ao exercício profissional do egresso, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Competências e Habilidades necessárias ao egresso em Turismo

Compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
Utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
Positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
Domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do inventário turístico,

detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
Domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;
Adequada aplicação da legislação pertinente;
Planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
Intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
Classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e de outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;
Domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;
Domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
Comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;
Utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
Domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;
Habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;
Integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares interagindo criativamente nos diferentes contextos organizacionais e sociais;
Compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;
Profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas para o êxito de qualquer evento turístico;
Conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

Fonte: Ministério da Educação (www.mec.gov.br)

A simples leitura do Quadro 01 leva à reflexão sobre a amplitude e a complexidade da formação em turismo, e na necessidade de empenho tanto de professores como, principalmente, de alunos, para que os objetivos sejam atingidos.

Aldrigui (2006) comenta que simplesmente resumir a formação em um “equilíbrio ideal entre cultura geral, habilidades de gestão e conhecimento técnico específico” pode esconder as particularidades da área, e não permitir o necessário desenvolvimento do profissional. Segue explicando que

ao identificar as competências e habilidades necessárias ao profissional, os estudantes que escolheram a área de turismo por considerá-la fácil ou divertida entendam a razão de sua frustração com o curso. E mais ainda, por não entender a complexidade de sua formação e a razão de ser do curso, certamente serão estes alunos cujo desempenho ficará abaixo do esperado no ENADE. Da mesma forma, é possível que muitos professores que encaravam as aulas no curso de turismo apenas como complementação de salário, passem a encará-lo de maneira mais séria e possam optar por um maior envolvimento e compreensão da área. (ALDRIGUI, 2006)

Ainda que muitos tenham tentado se preparar rapidamente para responder às questões do ENADE, (professores de um lado, alunos de outro), percebe-se que o resultado dos quatro anos do curso é que aparecerá, e que os alunos cujos cursos efetivamente contemplaram as orientações das diretrizes é que terão o melhor desempenho.

O ENADE

O objetivo do ENADE é “avaliar o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais, às habilidades e competências para a atualização permanente e aos conhecimentos sobre as realidades brasileira, mundial e sobre outras áreas do conhecimento”.

Segundo a Portaria MEC nº 603, de 07 de março de 2006, participaram do ENADE uma amostra representativa definida pelo INEP dos alunos regularmente matriculados nos primeiros e nos últimos anos dos cursos superiores em Turismo do Brasil, sendo que se considera aluno de primeiro ano aquele que cumpriu entre 7 e 22% da carga horária mínima do currículo do curso, e aluno do último ano aquele que tiver concluído pelo menos 80% da carga horária mínima do curso, até o dia 01 de agosto de 2006.

Em seu primeiro ano de realização, 2004, as áreas avaliadas pelo ENADE foram Agronomia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária, Medicina, Nutrição, Odontologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Zootecnia. Em 2005, foram Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Ciências Sociais, Computação, Engenharia (divida em grupos II, IV, VII e VIII), Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química. No ano de 2006, serão avaliadas as áreas de Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Biomedicina, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Design, Direito, Formação de Professores Educação Básica, Música, Psicologia, Secretariado Executivo, Teatro e Turismo.

A prova foi dividida em duas partes, sendo a primeira uma avaliação da formação geral (investigando a formação de um profissional ético, competente e comprometido com a sociedade em que vive). Os temas das dez questões fizeram referência a:

sociodiversidade: multiculturalismo e inclusão ; exclusão e minorias; biodiversidade; ecologia; novos mapas sócio e geopolíticos; globalização; arte e filosofia; estética; políticas públicas: educação, habitação, saúde e segurança; redes sociais e responsabilidade: setor público, privado, terceiro setor; relações interpessoais (respeitar, cuidar, considerar e conviver); vida urbana e rural; inclusão/exclusão digital; cidadania; ética; direitos humanos; violência; terrorismo, avanços tecnológicos, relações de trabalho. (MEC, 2006)

Já a segunda parte, específica para o turismo, buscou, em 30 questões, verificar se o aluno tem habilidades e competências para:

1. Correlacionar as políticas de turismo e a legislação pertinente no sentido de orientar o desenvolvimento sustentável de destinos, serviços e organizações turísticas.
2. Conduzir o planejamento e a gestão de destinos, serviços e organizações turísticas, identificando sua viabilidade sócio-econômica e ambiental (natural e cultural) diante dos diferentes mercados.
3. Identificar e caracterizar a oferta e a demanda turísticas, adequando seu desenvolvimento de acordo com as especificidades dos destinos, serviços e organizações turísticas.
4. Analisar e interpretar dados e informações turísticas com base em estatísticas, cartas e mapas, projeções e tendências.
5. Elaborar e implantar planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento turístico apoiados em métodos e técnicas específicas.
6. Reconhecer a participação da comunidade receptora no processo de desenvolvimento turístico, de forma que seus anseios e necessidades sejam respeitados pelas organizações turísticas públicas e/ou privadas.
7. Interagir em equipes multi e interdisciplinares nos diversos contextos organizacionais e sociais da área do turismo.
8. Agir em consonância com os princípios da legalidade e da ética da área do turismo.
9. Articular o setor de serviços ao de viagens e turismo levando em conta as mudanças estruturais e as tendências globais.

Isto quer dizer, certamente, uma prova complexa, que avaliou a capacidade do aluno em pensar o mundo em que vive e conseguir enxergar e entender o real papel do turismo.

Resultados do ENADE para o curso de turismo

Os resultados do ENADE, apresentados no mês de junho de 2006, foram divulgados pelo portal do INEP (www.inep.gov.br).

- Cursos e alunos

Dos 5701 cursos representando as quinze carreiras avaliadas em 2006, 398 cursos eram de turismo, em todo o país. Deste universo, 90,7% são ofertados por instituições privadas; 26,9% dos cursos integram a oferta de universidades.

Compôs a amostra selecionada pelo INEP um total de 462.658 alunos, dos quais 386.524 realizaram a prova (83,5%). Este índice se refletiu no caso do turismo, pois de uma amostra de 20.404 alunos, 16.949 realizaram a prova (83,1%).

Quadro 2 – Número de Participantes no ENADE 2006

	Ingressantes	Concluintes	Total
ENADE Amostra	269.164	193.494	462.658
ENADE Participantes	211.837	174.687	386.524
Turismo – Amostra	9.666	10.738	20.404
Turismo – Participantes	7.449	9.500	16.949

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

Nota-se que, embora no geral haja um maior número de ingressantes sendo avaliados, esta situação não se repete no turismo, onde o número de concluintes é maior que o de ingressantes avaliados, o que mais uma vez aponta para a retração da oferta nos cursos.

Geograficamente, os cursos de turismo estão concentrados nos estados da região sudeste. Foram avaliados 13.092 alunos do sudeste, 5.114 do nordeste, 3.970 do sul, 2.032 no centro-oeste e 1.290 norte.

- Desempenho

Dentre as quinze carreiras avaliadas no ENADE 2006, o curso de turismo ocupou a segunda posição, ranqueadas as médias do desempenho geral dos estudantes. O primeiro lugar é ocupado pelo curso de arquivologia, e o último, por administração.

Quadro 3 – Desempenho geral dos estudantes

Área	Média dos Ingressantes	Média dos Concluintes	Média Total da Formação Geral
Arquivologia	49.2	52.1	50.7
Turismo	48.2	51.1	49.7
Administração	40.8	44.1	42.1
TOTAL	44.2	47.2	45.4

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

O resultado do desempenho dos estudantes de turismo em relação aos demais cursos avaliados caracterizou-se na melhor surpresa do ENADE 2006, já que a expectativa era de um desempenho fraco em relação aos demais. Tanto ingressantes quanto concluintes ficaram acima da média geral dos estudantes, e abaixo apenas dos alunos de arquivologia.

Geograficamente, os alunos com melhor desempenho estão nas instituições localizadas na região sul do país, seguidos, pela ordem, pelas regiões nordeste, sudeste, centro-oeste e norte. Merece destaque o fato de que o desempenho dos alunos da região norte foi o único que ficou acima da média geral do ENADE. Estes dados, em particular, reforçam a afirmação de que quantidade e qualidade, neste caso, não têm relação direta.

Quadro 4 – Desempenho dos estudantes, por região geográfica

Região	Turismo	TOTAL
Sul	45.7	50.6
Nordeste	45.6	50.0
Sudeste	45.5	50.5
Centro-Oeste	45.2	48.5
Norte	42.8	40.3
Total	45.4	49.7

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

Em suas análises, o INEP também apresenta um comparativo entre o desempenho dos alunos oriundos e não-oriundos do ProUni, destacando, no caso do turismo, um melhor desempenho no grupo que é beneficiado pelo programa. Alunos de Turismo (ProUni) tiveram média de 54,6, e os não integrantes do programa, 47,3.

Quadro 5 – Comparação do desempenho de ingressantes e concluintes

Região	Ingressantes		Concluintes	
	Total	Turismo	Total	Turismo
Sul	33.6	42.6	42.8	50.5
Nordeste	32.8	42.3	41.5	49.0
Sudeste	33.6	42.0	42.3	48.6
Centro-Oeste	30.7	40.4	39.6	46.4
Norte	29.4	31.5	37.1	43.0
Total	32.9	39.6	41.8	43.7

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

O Quadro 5 permite verificar que o desempenho dos concluintes é superior ao dos ingressantes, situação naturalmente esperada, considerando o peso maior da prova para os conteúdos específicos da área.

- Conceito ENADE

Segundo o INEP, o conceito ENADE se calcula

pela média ponderada da nota padronizada dos concluintes no componente específico, da nota padronizada dos ingressantes no componente específico e da nota padronizada em formação geral (concluintes e ingressantes), possuindo estas, respectivamente, os seguintes pesos: 60%, 15% e 25%. Assim, a parte referente ao componente específico contribui com 75% da nota final, enquanto a referente à formação geral contribui com 25%. O conceito é apresentado em cinco categorias (1 a 5) sendo que 1 é o resultado mais baixo e 5 é o melhor resultado possível. (INEP, 2006)

Quadro 6 – Conceito ENADE no curso de turismo

Área	Conceito 1 ou 2		Conceito 3		Conceito 4 e 5		SC	Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	
TOTAL	1085	27,9	1914	49,2	895	23,0	1807	3894
Turismo	70	29,8	119	50,6	46	19,6	163	235

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

A concentração dos cursos se dá em torno do conceito 3, porém merece atenção o fato de que há mais cursos com conceitos 1 ou 2 do que aqueles com conceitos 4 e 5.

- Conceito IDD (Indicador de diferença entre os desempenhos Esperado e Observado)

Segundo o INEP, o IDD é “uma transformação do IDD Índice, de forma que ele seja apresentado em cinco categorias (1 a 5) sendo que 1 é o resultado mais baixo e 5 é o melhor resultado possível no IDD Conceito”.

O IDD tem o propósito de trazer às instituições informações comparativas dos desempenhos de seus estudantes concluintes em relação aos resultados obtidos, em média, pelas demais instituições cujos perfis de seus estudantes ingressantes são semelhantes. Entende-se que essas informações são boas aproximações do que seria considerado efeito do curso.

O IDD é a diferença entre o desempenho médio do concluinte de um curso e o desempenho médio estimado para os concluintes desse mesmo curso e representa, portanto, quanto cada curso se destaca da média, podendo ficar acima ou abaixo do que seria esperado para ele baseando-se no perfil de seus estudantes.

O IDD Índice varia, de modo geral, entre -3 e +3, sendo o desvio padrão sua unidade de medida da escala do IDD. Assim se um curso possui IDD positivo, como $IDD=+1,5$, isso significa que o desempenho médio dos concluintes desse curso está

acima (1,5 unidades de desvios padrão) do valor médio esperado para cursos cujos ingressantes tenham perfil de desempenho similares. Valores negativos, por exemplo, $IDD=-1,7$, indicam que o desempenho médio dos concluintes está abaixo do que seria esperado para cursos com alunos com o mesmo perfil de desempenho dos ingressantes.

Quadro 7 – Conceito IDD no curso de turismo.

Área	Conceito 1 ou 2		Conceito 3		Conceito 4 e 5		Sem Conceito	Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	
TOTAL	1017	28,6	1436	40,4	1105	31,1	2143	3558
Turismo	58	31,7	74	40,4	51	27,9	215	183

Fonte: INEP (www.inep.gov.br)

Novamente, nota-se a concentração de cursos com conceito 3, e predomínio de cursos com conceitos 1 ou 2 sobre aqueles com conceitos 4 ou 5.

- Cursos em destaque

Considerando que foram avaliados 368 cursos de turismo no Brasil, foi opção das autoras ilustrar o presente estudo com dados dos 18 cursos (5%) melhor posicionados em termos dos conceitos ENADE e IDD.

Quadro 8 – Melhores desempenhos no Turismo, pelo Conceito ENADE

IES	MUNICÍPIO	ENADE	IDD
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	PELOTAS	5	2
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI	TERESINA	5	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	JUIZ DE FORA	5	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	RECIFE	5	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DO R G DO NORTE	NATAL	5	3
PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CAT DE MINAS GERAIS	POCOS DE CALDAS	5	4
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA	PONTA GROSSA	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA	JOAO PESSOA	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DO EST DO R DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	5	4
CENTRO UNIVERSITARIO DE BARRA MANSA	BARRA MANSA	5	5
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO R G DO NORTE	NATAL	5	5
UNIVERSIDADE CATOLICA DE PETROPOLIS	PETROPOLIS	5	
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	NITEROI	5	
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA	SALVADOR	4	1
CENTRO UNIVERSITARIO SENAC	SAO PAULO	4	3
FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG	SALVADOR	4	3
PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA	CURITIBA	4	3

**Quadro 9 – Melhores desempenhos no Turismo, pelo Conceito IDD**

IES	MUNICÍPIO	ENADE	IDD
CENTRO UNIVERSITARIO DE BARRA MANSA	BARRA MANSA	5	5
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO R G DO NORTE	NATAL	5	5
CENTRO UNIVERSITARIO FEEVALE	N. HAMBURGO	4	5
CENTRO UNIVERSITARIO FRANCISCANO	SANTA MARIA	4	5
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	B. GONCALVES	4	5
FACULDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE	PRES. PRUDENTE	3	5
PONTIFICIA UNIVERSIDADE CAT DE MINAS GERAIS	POCOS DE CALDAS	5	4
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA	PONTA GROSSA	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA	JOAO PESSOA	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	5	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DO EST DO R DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	5	4
CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA	BRASILIA	4	4
CENTRO UNIVERSITARIO IBERO-AMERICANO	SAO PAULO	4	4
CENTRO UNIVERSITARIO POSITIVO	CURITIBA	4	4
FACULDADE CASPER LIBERO	SAO PAULO	4	4
FACULDADE ESTACIO DE SA DE SANTA CATARINA	SAO JOSE	4	4
FACULDADE EST. DE C. ECON DE APUCARANA	APUCARANA	4	4
FACULDADE UNIME DE CIENCIAS SOCIAIS	L DE FREITAS	4	4

Considerações Finais

A análise dos resultados do ENADE 2006 leva à conclusão de que, apesar das projeções negativas realizadas pelos pesquisadores da área, o desempenho dos alunos matriculados em cursos de Turismo esteve literalmente acima da média dos alunos avaliados nesta prova. Entretanto, considerar que desempenhos avaliados em 50,5 sejam excelentes é um grande equívoco. O que se vê é uma realidade de cursos superiores que exigem cada vez menos de seus alunos, e que comemoram resultados efetivamente medíocres.

Em matéria publicada no caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo de 08/07/07, sobre a análise dos questionários socioeconômicos dos formandos que passaram pelo ENADE, Antonio Góis afirma que “ficou evidente a insatisfação com o nível de exigência em 29 das 48 áreas (até hoje avaliadas pelo ENADE). Nessas 29 carreiras, mais da metade dos estudantes afirmaram que o curso deveria ter exigido um pouco ou muito mais deles”.

Se os próprios alunos dizem isso, e os de turismo pertencem ao grupo dos que lêem menos (segundo a mesma matéria), os resultados do ENADE na verdade revelam o que se previa: há uma grande quantidade de cursos ruins, oferecendo uma formação insuficiente.

Nesse sentido, observando o destaque da mídia para os cursos mais bem avaliados pelo ENADE, onde o curso de turismo se encontra, e o que se analisa como um resultado medíocre, vale retomar o questionamento anterior: haveria motivo de comemoração para a inclusão do turismo no ENADE? Ou seria este o momento de exposição destas fraquezas?

O que se vê em fato, é, que o ENADE vem a expor as fraquezas, mas, não apenas do curso de turismo mas do ensino superior como um todo. Houve comemorações com o resultado sim, mas comemorações baseadas na mediocridade do resultado, onde no fato de o turismo ter destacado-se mais do que outros cursos viu-se motivo de celebração; ou ainda aquelas IES cujos cursos estiveram entre os melhores do país ou de seus estados celebraram. Festejou-se ser não o melhor, mas o menos ruim.

Dessa forma, porque notabilizar o menos ruim e não debater com seriedade as razões desse resultado generalizadamente mediano? Onde reside o abismo entre o constatado no ENADE, o que é verificado no cotidiano de sala de aula e o que celebrou na mídia e nas IES?

É dizer que o temor de alguns estudiosos do turismo com a sua inclusão no ENADE de que houvesse resultados vexatórios para este curso, concretizou-se em sua pior forma: vexame para todos os cursos. Sendo que alguns dos motivos para essa situação podem ser aqui mencionados: falta exigência de leitura, de pesquisa, de qualificação, de comprometimento de professores, alunos e IES (e por que não aqui incluir o mercado de trabalho?). Qual professor comprometido com o ensino superior de turismo nunca refletiu sobre essas e outras questões? Qual é a disparidade entre o que o Ministério da Educação anseia dos cursos superiores e o que os docentes, discentes e até mesmo o mercado de trabalho espera e verifica?

Outros questionamentos partem sobre: como as IES que obtiveram resultados 2 ou 1 na avaliação vão proceder para reverter o quadro? E as IES que obtiveram resultados 4 e 5 vão manter-se nesta média? Quando a discussão qualificada sobre essas médias vai sair do papel e ganhar corpo efetivo para o campo atitudinal?

Este texto não pretende responder essas perguntas, e é bastante possível que outras surjam, mas sim levantar, provocar e fazer pensar sobre o posicionamento de cada um dos interessados no ensino do turismo no Brasil. As questões aqui expostas procuram inspirar

outros pesquisadores a dedicarem suas pesquisas a estes tão delicados temas, e tão pertinentes, que interessam a toda sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

- ALDRIGUI, Mariana . *O curso de Turismo e o ENADE 2006*. In: Revista de Estudos Turísticos (eletrônica – www.etur.com.br). Ed. 21, 2006. (ISSN 1809-6468)
- BARRETTO, Margarita TAMANINI, Elizabette SILVA, Ivonete P. da (2004) *Discutindo o Ensino Universitário de Turismo*, Campinas:Papirus
- CARDOZO, Poliana F. *Considerações sobre a qualidade da formação do bacharel em Turismo*. Estudos Turísticos. www.etur.com.br. 2005.
- GOIS, Antonio. *Universitários acham que seus cursos exigem pouco*. In Folha de S. Paulo, caderno Cotidiano. 08/07/07. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0807200701.htm>
- INEP. *Enade 2006 – Portaria número 603 de 07 de março 2006*. Acessado em 27/08/2006 <http://www.inep.gov.br/superior/enade/default.asp>.
- INEP. *Enade 2006*. Acessado em 27/07/2007 <http://www.inep.gov.br/superior/enade/default.asp>.
- MEC/CNE (Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação). *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design*. Parecer CES/CNE 0146/2002 Aprovado em 03/04/2002. <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/14602DCEACTHSEMDTD.doc>
- TEIXEIRA, Rivanda Meira. *Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: Um Estudo Exploratório*. In: Turismo em Análise – volume 12 (2) páginas 07-31. São Paulo: ECA-USP, 2001.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A importância da educação para o Turismo*. In: LAGE, Beatriz *Turismo – Teoria e Prática*. São Paulo: Atlas, 2000.